

O discurso da histérica funda a psicanálise

The hysteric's discourse founds psychoanalysis

Vanessa Leite Teixeira

Resumo

Neste artigo, a autora apresenta os discursos radicais como articulações que se sustentam na noção lacaniana de inconsciente estruturado como uma linguagem. O percurso dessa proposição passa por uma breve descrição das formações do inconsciente à luz da linguagem e, na sequência, pela descrição das letras e lugares que formam os quatro discursos radicais, conforme o *Seminário 17: O avesso da psicanálise*, e o escrito *Radiofonia*. Por fim, o discurso da histérica é detalhado e descrito como aquele que fura o discurso do mestre da época de Freud, fundando, assim, a psicanálise.

Palavras-chave: discursos radicais, discurso da histérica, linguagem, psicanálise.

Abstract

In this article, the author presents the radical discourses as structures based on Lacan's notion of the unconscious structured like a language. This proposition unfolds through a brief description of the formations of the unconscious in light of language, followed by a description of the letters and the positions that constitute the four radical discourses, according to Seminar XVII, The Other Side of Psychoanalysis, and the text Radiophony. Finally, the Hysteric's Discourse is examined in detail and shown to be the one that disrupts the Master's Discourse of Freud's time, thus giving rise to psychoanalysis.

Keywords: radical discourses, hysteric's discourse, language, psychoanalysis.

O inconsciente estruturado como uma linguagem

No prefácio de seu texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, Lacan (1953/1998) sustenta que a psicanálise deve o valor científico de seus conceitos teóricos às elaborações de Freud e, desta maneira, estes só podem esclarecer-se por um “retorno a Freud”. O psicanalista francês inicia essa retomada apontando que se o analista não soubesse situar no campo da linguagem a origem de sua ação, poderia muito bem atribuir-lhe um caráter mágico. A consequência disso seria cair no risco de sustentar práticas que se garantiriam, por si, como verdades dogmáticas inquestionáveis e sem procedência, acarretando o elogio ao

narcisismo do analista e o silêncio dos conflitos do analisante.

No intuito de evitar apegar-se a esse tipo de prática, Lacan (1953/1998) enfatiza a importância de tomarmos o estatuto e a estrutura da linguagem como o campo privilegiado da psicanálise orientada pelos princípios elaborados por Freud. Deste modo, partimos da proposta lacaniana de que “a linguagem é a condição do inconsciente” (Lacan, 1970/1992, p.42).

Lacan (1953/1998) lança mão das formações do inconsciente para esclarecê-las em sua relação com a linguagem. Em um retorno à *Interpretação do Sonho (Traumdeutung)*, de Freud, o psicanalista francês destaca que o sonho tem a estrutura de uma frase, de uma escrita cuja

importância recai sobre a retórica do discurso onírico. O ato falho é descrito como um discurso bem-sucedido, enquanto o lapso configura-se como uma mordada que gira em torno da fala, de modo que, para um bom entendedor, meia palavra basta. Já o sintoma sofre de uma exigência de sobredeterminação, que o constitui como um símbolo ambíguo de conflitos simbólicos detectáveis pela associação livre. Esses conflitos são como “nós” de entrecruzamentos verbais que permitem que o sintoma seja decifrado em uma análise linguageira, pois ele também é “estruturado como uma linguagem [... e sua] fala deve ser libertada” (Lacan, 1953/1998, p.270).

Com esses exemplos, podemos apreender que o campo da psicanálise reside na linguagem, a qual é entendida como uma estrutura combinatória de, no mínimo, dois elementos. Essa natureza combinatória tem o poder de ordenar equívocos expressos na psicopatologia da vida cotidiana e na formação dos sintomas como localizamos em Freud (1912/1996). Enfim, é nessa combinação linguageira, ordenadora de equívocos, que podemos reconhecer a mola do inconsciente. Em outras palavras, Lacan (1964/2008) conclui que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1964/2008, p.27). No nosso ponto de vista, a teoria dos discursos mostra com extrema clareza as consequências dessa perspectiva estruturalista do inconsciente.

A lógica dos quatro discursos radicais

No *Seminário 17: O Avesso da Psicanálise*, Lacan (1969-1970/1992) caracteriza as organizações civilizatórias através de quatro tipos de articulação significante. Uma vez que o significante não apenas é conceituado como aquilo que representa o sujeito “ante outro significante” (Lacan, 1969-1970/1992, p.19), como também pertence ao campo da linguagem, o

discurso representa uma maneira de se usar a linguagem como vínculo social.

Não se trata de levar em conta as palavras que são efetivamente utilizadas na fala. Ao tomar como base epistemológica o estruturalismo, Lacan (1969-1970/1992) sustenta que os discursos subsistem sem as enunciações efetivas, pois essas são ultrapassadas pela ideia de que os significantes se relacionam obedecendo a uma estrutura. Trata-se, assim, de tomar a linguagem como instrumento capaz de instaurar um certo número de relações estáveis, que são denominadas discurso radicais.

O termo radical leva em conta a premissa de que a impossibilidade se localiza na raiz da estrutura. Dito de outro modo, os discursos radicais estão referidos ao campo do Outro, o tesouro dos significantes, e uma vez inserido no campo da linguagem, o sujeito é estruturalmente impossibilitado de tudo saber e de tudo dizer. A entrada na linguagem engendra, portanto, uma perda de gozo, e cada discurso pretende mostrar de que lugar o sujeito estabelece sua relação com o gozo, com a produção de saber, e com o Outro.

Lacan (1969-1970/1992) inicia a produção dos quatro discursos dizendo que o S1, ou significante mestre, mantido em exterioridade ao conjunto dos significantes, intervém numa bateria de significantes que integra a rede do saber para representar alguma coisa. Ao intervir nesse campo definido, o S1 vem supostamente representar o sujeito. Ressaltamos que o sujeito é cindido e não pode ser totalmente representado. O sujeito só pode surgir se num efeito de balança. Visto que a cadeia é articulada por, no mínimo, dois elementos, o S1 é o significante que representa o sujeito para outro significante, o S2.

Neste ponto, destaca Lacan (1969-1970/1992), já temos três dos quatro pés que compõem o discurso. O quarto pé consiste no objeto *a*, entendido como aquilo que cai da articulação discursiva,

como um resto impossível de ser abarcado pelo significante e impossível de ser absorvido pelo sujeito cindido. Assim, temos:

Figura 1 – O discurso do inconsciente

$$\frac{S1}{\$} \quad // \quad \frac{S2}{a}$$

Essa fórmula pretende mostrar que o S1, ao intervir no campo dos significantes e colocar-se em relação a um outro significante, abre uma hiância ou intervalo onde o sujeito como dividido terá surgido. Dessa articulação, cai algo definido como uma perda, designada pelo objeto *a*. Nas palavras de Lacan:

Ela [essa fórmula] diz que é no instante mesmo em que o S1 intervém no campo já constituído dos outros significantes, na medida em que eles já se articulam entre si como tais, que ao intervir junto a um outro, do sistema, surge isto, \$, que é o que chamamos de sujeito como dividido. [...] Enfim, nós sempre acentuamos que desse trajeto surge alguma coisa definida como uma perda. É isto o que designa a letra que se lê como sendo o objeto *a*. (Lacan, 1969-1970/1992, p.13).

Embora guarde semelhança com o Discurso do Mestre, neste momento, trata-se do que Lacan pontuou como sendo o “discurso do inconsciente” (Lacan, 1970/1997, p.95). Com base nessa primeira formalização, a estrutura significante dos discursos pode ser operacionalizada por um quarto de giro das letras nos lugares estruturalmente definidos. Por conseguinte, podemos abordá-los como articulações de quatro letras em quatro lugares definidos:

Figura 2 – Os lugares nos discursos

$$\frac{\text{o agente}}{\text{a verdade}} \quad // \quad \frac{\text{o outro}}{\text{a produção}}$$

Rabinovich (2001) orienta que o agente é aquele que organiza o discurso, o outro é a alteridade à qual se dirige cada discurso, a produção refere-se ao lugar do produto engendrado pelo discurso, e a verdade, mantida em disjunção com a produção, é o posto que fundamenta o discurso.

As letras articuladas nesses lugares, mas em posições diferentes a cada discurso, são:

- O S1, chamado de significante mestre, Nome-do-Pai ou traço unário, que intervém no campo definido da linguagem para representar alguma coisa;
- O S2, nomeado como saber, responsável por ligar a bateria dos significantes em uma relação de rede;
- O \$, chamado sujeito barrado ou sujeito dividido;
- O objeto *a*, definido como um resto da operação da emergência do sujeito na cadeia significante, sendo causa de desejo, quando representa aquilo que provoca o desejo, ou mais-de-gozar, quando é tomado como suplemento de gozo a ser recuperado na repetição da cadeia significante. O objeto *a*, enquanto o que resiste à apropriação pela linguagem, circula entre os significantes e escapa a toda captura. Ele remete à falta no campo simbólico ou no campo do Outro que impede a conexão entre a produção e a verdade. Com isso, é possível afirmar que a verdade não se pode dizê-la toda, não se consegue - “Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam as palavras” (Lacan, 1974/1993, p.11), só sendo possível, então, o meio dizê-la.

A partir disso, podemos perceber que o modo como Lacan define os lugares, e as letras que os ocupam nos discursos, esclarece a sua tentativa de esvaziar o sujeito de qualquer substância correlativa à noção de uma unidade do ser. O sujeito é localizado como um efeito significante, sem que tenha qualquer materialidade substantiva. Não se trata, portanto, do sujeito das ciências humanas, do indivíduo ou da pessoa, mas de algo evanescente que pode surgir na báscula da articulação entre S1 e S2.

Ainda nesse contexto, a noção de objeto *a* como aquilo que resta da operação simbólica e escapa à apreensão corrobora a ideia de que o sujeito é cindido daquilo que supostamente completaria e sanaria, de uma vez por todas, sua incompletude. Afinal, a disjunção entre os lugares da produção e da verdade atesta a impossibilidade de se produzir a verdade por meio da articulação significante. Com isso, notamos que a estrutura da linguagem comporta a falta, embora seja a ferramenta com a qual organizamos a vida em sociedade por meio dos laços sociais.

Os quatro discursos radicais são assim formalizados em Radiofonia (Lacan, 1970/2003, p.447):

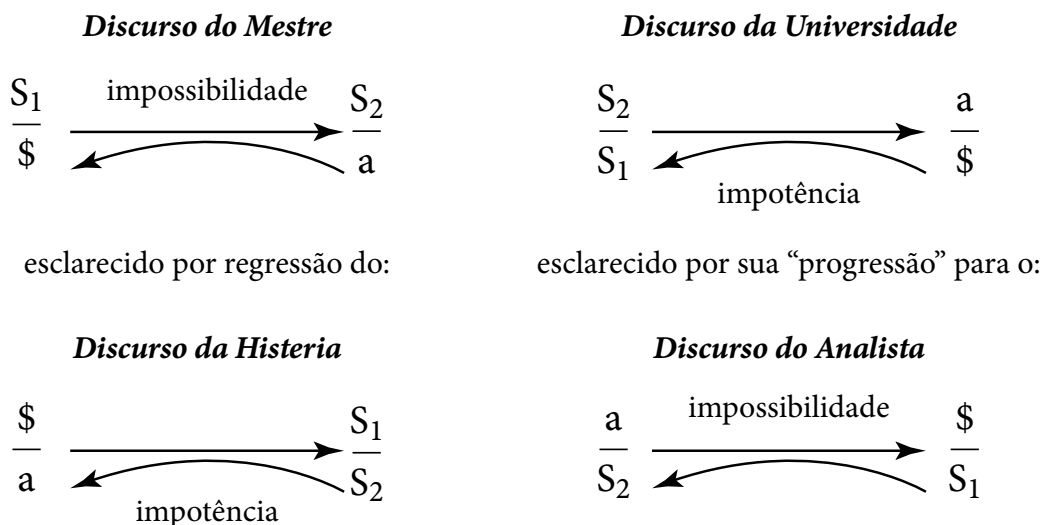
Cada um dos discursos tem sua importância e participação no processo de análise, mas aqui decidimos privilegiar o Discurso da Histérica por ser aquele que permite a invenção da psicanálise por Freud.

O Discurso da Histérica e a psicanálise

Como indica Lacan (1969-1970/1992), quando o sujeito ocupa o lugar de agente com sua divisão ou com seu sintoma em forma de enigma, temos o Discurso da Histérica. Esse discurso engendra o desejo de saber. O sujeito dividido no lugar de agente dirige-se a um suposto mestre (S1) para que ele produza um saber (S2) sobre a sua falta-a-ser e solucione o enigma de seu sintoma. O objeto *a* no lugar da verdade e em disjunção com o saber indica a impossibilidade de sua captura, deixando a hiância da cadeia significante em aberto. Destacamos que esta hiância é pontual e, portanto, não permanece.

Nesse sentido, observamos com clareza que o desejo da histérica é o desejo de que exista um Outro capaz de dar-lhe não só a chave de sua divisão, mas também a resposta ao enigma de seu sintoma. Ao fazer existir esse Outro,

Figura 3 – Os quatro discursos radicais



Fonte: Esquemas dos quatro discursos radicais. Lacan, J. (1970) Radiofonia. In.: Lacan, J. Outros Escritos, Jorge Zahar Ed., 2003.

a histérica busca garantir um horizonte de plenitude onde seu mal-estar poderia ser solucionado. Todavia, Lacan (1969-1970/1992) ressalta que, ao eleger esse Outro que de fato não existe, a histérica coloca em xeque a suposta potência da linguagem, que se mostra, então, insuficiente para descrever seu gozo.

É neste ponto que Caldas (2008) destaca que o Discurso da Histérica evidencia o paradoxo de falar sobre o impossível de dizer. Contudo, embora esse discurso acuse a precariedade da satisfação, ainda insiste em manter no horizonte um ideal para que ela ocorra. Nessa articulação discursiva, o objeto *a* no lugar da verdade clarifica sua condição de escapar ao simbólico, dando provas de que nem tudo passa pela linguagem: pode passar direto pelo corpo, como nas conversões históricas que Freud presenciou.

Consoante com essas ideias, Lemoine-Luccioni (1998) observa que, no Discurso da Histérica, o objeto *a* não é definido como uma perda que daria suporte ao sintoma, mas sinaliza a impotência ao colocar-se recalcado no lugar da verdade. Para a autora, a histérica recalca sua verdade ao recusar seu corpo, ainda que espere ser desejada pelo Outro. No entanto, Lacan (1969-1970/1992) reforça que, sobre essa verdade, a histérica não quer tomar conhecimento, motivo pelo qual convoca o mestre para que ele produza um saber que sustente sua posição de nada querer saber sobre seu gozo: “a histérica é o sujeito dividido, (...) é o inconsciente em exercício, que põe o mestre contra a parede para produzir um saber” (Lacan, 1970/2003, p.436).

Dessa maneira, a histérica convoca um mestre para que ela possa reinar. Ela exige do Outro, que pode ser invocado no pai, no mestre ou no amante, um saber sobre o sexo e sobre o gozo que ela considera não poder saber por si mesma. Todavia, não é verdade que exista um que, além de deter todo o gozo para

si, ainda possua todo o saber sobre ele. Assim, o Discurso da Histérica está fadado a descobrir a falta, a furar o Outro, e a deparar-se com o mal-estar de um desejo sempre insatisfeito.

Lacan (1969-1970/1992) reforça essa ideia ao dizer que o Discurso da Histérica representa o mal-entendido constituído pelas relações sexuais nos seres falantes. O significante não promove a comunicação e o entendimento. Pelo contrário, impede que o sexo deixe de ser enigmático. Para que algo do sexual possa funcionar, Lacan (1969-1970/1992) destaca que é preciso um truque e indica o Discurso da Histérica como o laço capaz de tal empreitada. A função desse discurso consiste, deste modo, em fabricar um homem que seja movido pelo desejo de saber.

Como não relacionar o Discurso da Histérica com as históricas de Freud? Os sintomas corporais sem correlação orgânica furam o Discurso do Mestre da época, e fabricam um homem movido pelo desejo de saber. Com os discursos, fica clara a virada que Freud promove ao se calar para ouvi-las, sustentando uma posição que é avessa ao discurso de maestria da medicina de sua época. Nesse sentido, podemos dizer que a posição que Freud ocupa é correlata ao Discurso do Analista.

No setting analítico, a demanda por um Outro que revele a verdade e solucione o sofrimento surge de maneira contundente e, é por isso, que o analista não deve vestir-se deste Outro a quem se supõe de tudo saber e, portanto, de tudo gozar. O analista faz meramente semblante deste suposto saber e engendra o discurso do analista ao colocar-se no lugar de objeto *a* como causa de desejo – sem que nos esqueçamos da transferência que deve estar em jogo. Vale ressaltar que esse lugar de objeto *a* também é pontual, mas de extrema importância, já que abre espaço de escuta para que o sujeito

barrado associe livremente, e chegue ao ponto de se questionar sobre a verdade de seu sintoma, enfim, entre em análise. φ

Referências

Caldas, H. (2008). Discurso da Histérica. *Associação Mundial de Psicanálise (AMP)*. Contra Capa Livraria.

Lacan, J. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan, *Escritos* (pp.238-324). Zahar.

Lacan, J. (1969-1970/1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Zahar.

Lacan, J. (1970/2003). Radiofonia. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 400-447). Zahar.

Lacan, J. (1974/1993). *Televisão*. Zahar.

Lemoine-Luccioni, E. (1998). *Travail d'amour*. Editions Trames.

Rabinovich, D. S. (2001). O Psicanalista entre o Mestre e o Pedagogo. *Cadernos de Psicologia* (pp. 9-28).

Recebido em: 10/03/2025

Aprovado em: 22/04/2025

Sobre a autora

Vanessa Leite Teixeira

Psicanalista membro do EBEP-BH.

Psicóloga pela PUC Minas.

Mestre em Psicologia pela PUC Minas.

Pós-graduanda em Fundamentos da Psicanálise:

Teoria e Clínica pelo Instituto ESPE.

E-mail: vanessaltpsi@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0008-4300-7188>